

ENCONTRO DAS ÁGUAS

Apesar dos investimentos para sua despoluição, o Lago Paranoá ainda é envenenado pela água suja de quem não se integra às redes de esgotos

Lauro Ayres e Wanderlei Pozzembom (fotos)
Da equipe do Correio

Brasília não existiria sem ele. Gigante e sereno, refresca o ar do cerrado para tornar habitável o coração do Brasil. Mas a cidade, essa balzaquiana sem juízo, mostrou-se ingrata. Por anos, despejou em grande escala suas impurezas naquele que lhe dava vida, o Lago Paranoá. Enquanto envenenava sem medida suas águas, a capital ignorava o capital ecológico e turístico que ele representa. Aos poucos, o que existia para nos confortar tornou-se uma fossa obscura e temida, coalhada de germes a nos assustar no verde de algas insondáveis.

O crime era tão grande que não podia ser ignora-

do eternamente. A década de 1990 está sendo a era da despoluição do lago, que já tem 90% de sua área em boas condições para banho e prática de esportes aquáticos. E o Projeto Orla nos permite imaginar um futuro próximo em que as águas que já foram malcheirosas sustentarão, com a indústria turística, parte do nosso desenvolvimento.

Mas o gigante ainda não está a salvo. Como um organismo atacado por vírus microscópicos, o Paranoá recebe diariamente os dejetos de vários pontos da cidade. São clubes, pontos de comércio e até prédios públicos que se livram da sujeira de forma inadequada. É o encontro das águas doentes com nossa fonte de vida. Polui nosso presente, compromete nosso futuro.

CRIMES DIÁRIOS

NA LAVANDERIA

Mas quem são esses pequenos poluidores, quase invisíveis, que, com a ajuda da chuva, contribuem para que o Lago Paranoá não seja 100% limpo? "Eles mudam todos os dias", diz Marcelo Teixeira, engenheiro químico. "Quando não é um, é outro."

Entre eles estão a maioria dos clubes, a Câmara Legislativa, o Hospital de Base, os moradores de invasões, o lixo do SLU, as obras com esgotos irregulares, os motoristas que jogam lixo nas ruas e, por incrível que pareça, os pequenos quiosques do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA).

O problema dos clubes é antigo. Como a rede coletora da Caesb só passa na altura da via L4, a maioria dos clubes optou pelo sistema de fossa/sumidouro (onde o esgoto é armazenado até ser naturalmente absorvido pelo solo). "Só que quando chove, a água entra em alguns sumidouros, que acabam transbordando", explica Marcelo. Na semana passada, houve transbordamento no clube Cota Mil, por exemplo. Isso explica porque sua orla não está em condições ideais para banho (ver mapa abaixo).

O mesmo ocorre na Academia de Tênis, que já foi multada três vezes por poluir o lago. "Já estamos trabalhando para resolver o problema. Estou gastando R\$ 45 mil em obras", diz o proprietário da Academia, o cirurgião José Farani. A reportagem do *Correio* percorreu o terreno da academia e pôde atestar que as obras estão realmente sendo feitas. Estão sendo construídos 60 sumidouros e dois poços de armazenagem de esgoto. "Parece que os fiscais estão mais interessados em multar do que sanar os problemas", reclama Farani.

Mas os problemas na Academia não param por aí. O clube insiste em jogar a água usada na lavanderia diretamente no lago. "É material biodegradável", defende-se Farani. Mas a Caesb não sucumbe a tal argumento: "Fezemos também são biodegradáveis. Ele terá de mudar esse sistema", diz Marcelo Teixeira.

Para evitar os vazamentos, o Iate, a Asbac, a AABR e o Clube da Aeronáutica construíram um sistema de bombeamento que leva o esgoto até a rede coletora. A Câmara Legislativa tem um problema parecido. O banheiro do plenário não é ligado à rede de esgoto. Como o banheiro fica em um nível abaixo da rede de esgoto, é preciso fazer o bombeamento. Pois as bombas quebraram em 1995. Os dejetos dos deputados, portanto, ficaram mais de dois anos escorrendo para a rede de águas pluviais. Daí para o Ribeirão do Bananal, afluente do lago Paranoá. Depois de muito bate-boca entre a Câmara e a Novacap sobre de quem seria a responsabilidade do vazamento, as bombas foram trocadas. Pior para o lago, que recebeu litros e litros de insusmados indesejáveis.

O Hospital de Base também continua poluindo. As obras do sistema de esgoto do hospital já estão quase prontas, mas quando chove a água da chuva e o esgoto se misturam e chegam juntos ao lago, pela galeria ao lado da Asbac. "Essa região ainda está um pouco oleosa mesmo", observa o remador Luiz Renato Bettiol. "Desde o acidente com o óleo do Hospital de Base".

Não é raro que esgoto e água se confundam em uma mistura nociva ao ecossistema do lago. "O subterrâneo de Brasília é um emaranhado de tubos de esgoto e água. Às vezes, alguém faz uma ligação errada. Mas geralmente não é por má-fé — 99% dos casos são corrigidos depois da primeira notificação", explica Marcelo Teixeira.



O advogado Luiz Renato Bettiol (à frente), 26 anos, madruga todos os dias para remar com um grupo de amigos no Lago Paranoá, no trecho do Setor de Clubes Sul. "A água está transparente e não tem mau cheiro"

HÁ 20 ANOS, UM ESGOTO A CEU ABERTO

Além de ser fonte geradora de energia elétrica e meio de diluição de esgoto, o lago Paranoá tornou-se um dos principais pilares do desenvolvimento econômico do Distrito Federal. O sucesso do projeto Orla e a afirmação de Brasília como pólo de turismo e eventos depende diretamente da saúde dos 498 bilhões de litros de água do lago. "Com a cidade fedendo, como aconteceu no final dos anos 70, não há turista que arrisque uma estada em Brasília", observa o secretário do Meio Ambiente, Chico Floresta.

Ele se refere ao colapso de 1978, quando a água do Paranoá atingiu níveis exorbitantes de poluição, com superpopulação de algas e mortandade de peixes. Por toda Brasília podia-se sentir o mau cheiro exalado pela água do lago. De lá pra cá, a situação melho-

rou. O esgoto jogado *in natura* no lago passou a ser tratado. O processo de despoluição acelerou com a construção das duas maiores estações de tratamento de esgoto da Caesb: a ETE Sul (ao lado do SLU), inaugurada em 1993, e a ETE Norte (ao lado da UnB), inaugurada em 1994.

Em pouco mais de três anos, a concentração de fósforo (elemento que estimula a reprodução de algas e bactérias) foi reduzida pela metade. Atualmente, 90% da área de 40 quilômetros quadrados do lago estão liberados para banho.

"Entro no lago todos os dias e nunca tive qualquer problema", atesta o advogado Luiz Renato Bettiol, 26 anos, que madruga para remar na orla do Setor de Clubes Sul. "A água está transparente e não há mau cheiro", diz.

Mas manter o lago limpo, com uma vasta fauna em suas margens — que inclui jacarés, capivaras, ariranhas, tartarugas — exige um trabalho árduo de fiscalização. A



Caesb tem 38 pontos de medição espalhados pelo Paranoá. Quando a medição indica um nível alto de poluição, uma equipe é mandada imediatamente ao local para detectar o problema. O trabalho é diário. E tem de ser.

Apesar das boas condições da água, o lago é atacado constantemente por pequenos poluidores espalhados por toda a bacia do Paranoá, que inclui o Plano Piloto, Lago Sul, Lago Norte, Cruzeiro, Candangolândia, Guará, Núcleo Bandeirante e Riacho Fundo.

FONTE: CAESB

te e Riacho Fundo.

Como o esgoto é tratado, o problema se concentra na rede de águas pluviais. Toda a água de chuva acumulada nessas áreas escorre para o lago, levando junto o que encontra pelo caminho. "É pela rede de águas pluviais que chega a maioria dos poluentes", diz o engenheiro químico Marcelo Teixeira, superintendente de operações de unidades de esgotos da Caesb, o xerife do controle da poluição no lago. Mesmo não tendo conhecimento desses detalhes técnicos, os frequentadores do lago percebem alguns problemas. "Quando chove realmente a água fica mais turva, um pouco suja", diz o windsurferista Carlos Vieira, 28 anos.

MERGULHO

O Lago Paranoá tem

498 bilhões

de litros de água. A última vez em que a poluição atingiu níveis insuportáveis, deixando exalar mau cheiro, foi em

1978

Técnicos da Caesb consideram que

90%

da área de

40 Km²

estão liberados para banho.